

IPES Texto para Discussão

Publicação do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais

Empresas transacionais e os investimentos estrangeiros diretos: uma análise comparativa entre os países selecionados a partir dos anos 90

Janete Pezzi – IPES/UCS

Divanildo Triches – IPES/UCS

Março de 2009 Texto nº 030



CENTRO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, CONTÁBEIS
E COMÉRCIO INTERNACIONAL

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

REITOR

Prof. Isidoro Zorzi

VICE-REITOR

Prof. José Carlos Avino

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Prof. José Clemente Posenato

CENTRO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, CONTÁBEIS, E COMÉRCIO INTERNACIONAL

Prof^a Maria Carolina Rosa Gullo

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E SOCIAIS

Prof Divanildo Triches

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Divanildo Triches

Wilson Luís Caldart

PROFESSORES PESQUISADORES

Divanildo Triches

Enrique Pereira de Almeida

Soraia Santos da Silva

Wilson Luís Caldart

AUXILIARES DE PESQUISA

Marli Teresinha Giani

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Publicação do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais e do Centro de Ciências Econômicas, Contábeis e Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, para divulgar, em versão preliminar, a produção científica e acadêmica de professores, alunos e, também, trabalhos apresentados em seminários e estudos feitos por pesquisadores e convidados de outras instituições.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais

Centro de Ciências Econômicas, Contábeis e Comércio Internacional

Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – 95070-560, Caxias do Sul – RS

ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95201-972, Bloco J – Sala 401

Telefone/ Fax (54) 3218 21 00, ramal 2243

<http://www.ucs.br>

Empresas transnacionais e os investimentos estrangeiros diretos: uma análise comparativa entre os países selecionados a partir dos anos 90[#]

Versão 05.08.2008

Janete Pezzi*
Divanildo Triches**

Title: The transnational corporation and the direct foreign investments: a comparative analysis on select countries since 90

Resumo

Este estudo objetiva investigar a importância das empresas transnacionais e os investimentos estrangeiros diretos na economia de alguns países selecionados, a partir dos anos 90. Para isso, examinaram-se a internacionalização das empresas transnacionais, a composição dos fluxos de capitais externos mundiais, os determinantes de atração dos investimentos estrangeiros diretos, e a evolução dos fluxos de investimento estrangeiro diretos. As transnacionais não financeiras dos países desenvolvidos cresceram mais de 176% entre 1990 a 2004 em seus ativos totais (nacionais e no estrangeiro). As maiores corporações mundiais estão localizadas nos países desenvolvidos; empresas como a General Motors, Exxon, Shell e a Ford Motors foram detentoras dos maiores ativos no estrangeiro, totalizando 1,38 trilhão de dólares, enquanto a maior parte das transnacionais nos países em desenvolvimento era proveniente da Ásia. O destaque ficou com as chinesas *China National Petroleum Corp* e de *Hong Kong a Hutchison Whampoa*, gigantesca corporação de telecomunicações, varejo e hotelaria, em ativos totais; as duas somaram 194,55 bilhões de dólares em 2004. Os países com maior montante de investimentos externos diretos recebidos foram os Estados Unidos, entre as economias desenvolvidas e a China, entre os países em desenvolvimento, com 14,4% 5,7% do total global, respectivamente.

Palavras-chave: Investimentos estrangeiros diretos, transnacionais, países industriais e emergentes

Abstract

This objective study to investigate the importance of the transnational companies and the foreign direct investments in the economy of some selected countries from nineties For this, it was examined internationalization of the transnational companies, the composition of the flows of world-wide external capitals, determinants of the foreign direct investments attraction and the evolution of the flows of foreign direct investment. The developed countries' transnational not-financiers increased more than 176% from 1990 to 2004 in its total assets. The biggest world-wide corporations are located in the developed countries, corporation as the General Motors, Exxon, Shell and Ford Motors had held the greatest amount of asset in foreign. It was US\$ 1.38 trillion, whereas the biggest transnational corporation in the developing countries was proceeding from Asia. The prominence was the Chinese

[#] Este artigo é resultante da monografia defendida em dez.2007, para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

* Bacharel em Economia pela Universidade de Caxias do Sul. *E-mail:* netpezzi@hotmail.com.

**Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor e Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômicas e Sociais da Universidade de Caxias do Sul (IPES/UCS) e do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade do Vale dos Sinos, PPGE/Unisinos. *E-mails.* dtriches@ucs.br e divanildot@unisinos.br

China National Petroleum Corp and of Hong Kong the Hutchison Whampoa, gigantic corporation of telecommunications, retail and hotels, in total assets, the two enterprises held US\$ 194.55 billion in 2004. United States, among industrialized economies, and China, among the developing countries, were the countries with greater of foreign direct investments. They received 14.4% and 5.7% of the global foreign direct investments, respectively

Key words: Foreign direct investments, international corporation, industrial and non industrial countries

JEL Classification: F20, F21, F23, G10.

1 Introdução

A globalização produtiva, bem como a consolidação dos processos de integração regional, transformou o cenário político e econômico mundial, nas duas últimas décadas, sobretudo a partir dos anos 90. Uma das principais mudanças está associada ao aumento da mobilidade de capital, possibilitado pela crescente desregulamentação e abertura dos mercados financeiros nacionais. Além disso, o padrão do movimento internacional de capitais se reverteu. Os fluxos de capitais, que, desde a crise da dívida de 1980, concentravam-se nos países desenvolvidos, fluem novamente para os países de mercados emergentes.

A abertura das economias econômica e financeira caracteriza-se pela movimentação dos capitais internacionais a qual se dá por meio das corporações transnacionais. Assim, os fatores que determinam os investimentos estrangeiros, na economia global, são a integração verticalizada dos processos produtivos, o avanço da integração econômica e regional, a desregulamentação dos mercados financeiros, além de uma taxa positiva sobre o retorno dos investimentos.

Os fluxos mundiais de investimentos estrangeiros, ao longo dos anos 90, registraram um crescimento extraordinário, mais de três vezes em relação à década anterior, ou seja, totalizando um crescimento de 271%. No período de 1990 a 2006, as nações desenvolvidas foram as principais receptoras, com uma participação de 70,7% do total mundial. Já os países em desenvolvimento registraram 29,2% do fluxo total mundial. Apesar dessa menor participação, esse grupo de países tem atraído grandes volumes de investimentos externos, como por exemplo, a China.

Nesse contexto, o estudo objetiva investigar a importância das empresas transnacionais e os investimentos estrangeiros diretos na economia dos países selecionados, a partir da década de 90. Para tanto, o texto está organizado, além desta introdução, como segue: a seção 2 analisa os determinantes dos investimentos estrangeiros diretos e as corporações transacionais. O item 3 analisa os fluxos de investimentos estrangeiros diretos na economia mundial; a análise dos investimentos estrangeiros diretos nos países selecionados é tratada na seção 4. Por fim, a seção 5 apresenta as considerações finais e as conclusões.

2 Análise dos determinantes dos investimentos estrangeiros diretos e as corporações transacionais

O investimento estrangeiro direto é caracterizado, conforme Krugman e Obstfeld (2005) e Salvatore (2000), como um fluxo internacional de capital, que se desloca através de empresas de um determinado país para outro, no sentido de expandir suas operações. Os investimentos estrangeiros diretos são operados por empresas transnacionais, com o objetivo de elevar seus retornos. Com isso, elas estabelecem unidade de distribuição no Exterior para as vendas externas ou uma unidade produtiva para suprir seus clientes estrangeiros com bens produzidos domesticamente.

A análise dos determinantes dos investimentos estrangeiros diretos, como abordam Caves e Frankel (2001), devem levar em consideração tanto as variáveis microeconômicas, diretamente ligadas ao desempenho da firma, quanto as variáveis macroeconômicas e institucionais, que evidenciam os fatores específicos do país receptor dos investimentos externos. Assim, a teoria da organização industrial representa uma mudança de paradigma com relação à abordagem dos determinantes dos investimentos estrangeiros diretos.

A teoria da organização industrial buscou formular um quadro conceitual e teórico destinado a avaliar as condições sob as quais determinados mercados são atendidos por meio de filiais estrangeiras de produção, em vez de serem atendidos pelas próprias empresas locais ou através da importação. De acordo com Gonçalves e Baumann (1999), enquanto o modelo tradicional do investimento parte do pressuposto de que os fluxos de investimento são determinados pelo diferencial de retorno, a teoria moderna dos investimentos estrangeiros diretos procura explicar, inicialmente, o que determina a internacionalização da produção.

A determinação teórica do investimento externo direto não deve dar ênfase somente às diferenças de atributos entre países (diferenças nas dotações de fatores), mas também às diferenças existentes entre empresas de diferentes países. Dessa forma, o diferencial de rentabilidade de operações distintas de investimento estrangeiro direto está determinado por características específicas a cada espaço possível de localização (fatores locais específicos), com os atributos de empresas (fatores específicos à propriedade).

A escolha entre exportação e investimento externo direto depende de fatores locais específicos (localização da unidade de produção). Eles tanto podem ter origem na empresa quanto em países de destino do produto. Dentre os principais fatores locais podem-se citar: dotação de fatores, tamanho do mercado, potencial de crescimento do mercado, “clima” de investimentos, custo de transporte, barreiras comerciais, disponibilidade de infra-estrutura, economias de escala e aparato regulatório. A política comercial pode ser considerada o mais importante fator local específico. A adoção de barreiras comerciais (tarifárias e não tarifárias), em um determinado país, tende a estimular as empresas multinacionais a investirem em outro país através de uma subsidiária, ao invés de utilizarem o comércio internacional por meio de exportações de seus produtos.¹ A colocação de barreiras comerciais à entrada no mercado interno, imposta em alguns países, incentivou o investimento externo direto.

Para Caves e Frankel (2001), outro fator que explica os investimentos diretos é a tecnologia. Quanto mais nova uma tecnologia e mais ágeis forem suas mudanças, maior a probabilidade de que a firma a utilize, no Exterior, apenas em suas subsidiárias. As tecnologias mais antigas tendem a serem licenciadas a firmas estrangeiras independentes, apesar de que grande parte das transferências de tecnologia de domínio exclusivo por licenciamentos ou investimentos estrangeiros diretos ocorra entre países industrializados. O fator que também incentiva a existência de multinacionais em países de mercado emergente é a exploração de tecnologias e produtos adequados às condições de uso intensivo de mão-de-obra e de pequenos mercados. De acordo com Krugman e Obstfeld (2005), a tecnologia pode, às vezes, ser transferida ou licenciada, mas como não podem ser mensurados os direitos de

¹ Uma discussão mais detalhada sobre esse tema pode ser encontrada em Agudelo e Tebaldi (1999), Caves e Frankel (2001) Gonçalves e Baumann (1999), Hymer (1978), Krugman e Obstfeld (2005), Martinelli Junior (1999), Salvatore (2000), Saracini e Paula (2006), Triches e Raguse (2006), entre outros.

propriedade, as multinacionais instalam uma filial em outro país, em vez de vender a tal tecnologia.

Outros fatores considerados relevantes e que determinam a inserção dos investimentos estrangeiros diretos na economia global são a integração vertical, os processos de integração econômica e regional, a conjuntura macroeconômica do país e a desregulamentação dos mercados financeiros. Nesse último caso, permitiu uma maior flexibilidade na mobilidade dos fluxos de capitais.

Tabela 1 – As dez maiores corporações transnacionais não financeiras por ativos dos países desenvolvidos no período de 1990 a 2004 (em bilhões de dólares)

| Empresa | Indústria | País de origem | 1990 | | 1995 | | 2000 | | 2004 | |
|---------------------|------------------------------------|----------------|---------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| | | | Estran. | Total | Estran. | Total | Estran. | Total | Estran. | Total |
| General Motors | Veículos motores | EUA | 2,6 | 180,2 | 54,1 | 217,1 | 75,15 | 303,10 | 173,69 | 479,60 |
| Ford Motor | Veículos motores | EUA | 55,2 | 173,7 | 69,2 | 238,5 | 19,87 | 283,39 | 179,85 | 305,34 |
| Exxon | Petróleo | EUA | 51,6 | 87,7 | 66,7 | 91,3 | 101,72 | 149,00 | 134,92 | 195,25 |
| British Petroleum | Petróleo | Reino Unido | 31,6 | 59,3 | 19,3 | 28,9 | 23,86 | 25,07 | 154,51 | 193,21 |
| IBM | Computadores | EUA | 45,7 | 87,6 | 41,7 | 80,3 | 43,13 | 88,34 | 47,92 | 109,18 |
| Royal Dutch Shell | Petróleo | Reino Unido | 69,2 | 106,4 | 79,7 | 117,6 | 74,80 | 122,49 | 129,93 | 92,81 |
| Nestlé | Alimentícia | Suíça | nd | 28,0 | 33,2 | 38,2 | 35,28 | 39,95 | 65,39 | 76,96 |
| Philips Electronics | Eletrônicos | Holanda | 23,3 | 30,6 | 25,2 | 32,7 | 27,88 | 35,88 | 30,33 | 41,84 |
| ABB | Equip. Industriais e farmacêuticos | Suíça | 26,9 | 30,2 | 27,2 | 32,1 | nd | 30,9 | nd | Nd |
| Móbil | Petróleo | EUA | 22,3 | 41,7 | 26,0 | 42,1 | ** | ** | ** | ** |
| Outras* | | | 523,10 | 2.373 | 1.111,90 | 3.245,10 | 2.051,84 | 55.214,05 | 3.811,17 | 7.257,12 |
| Total geral | | | 901,50 | 3.198,40 | 1.554,20 | 4.163,90 | 2.453,53 | 6.292,17 | 4.727,71 | 8.851,31 |

Fonte: Unctad (2007)-WIR 2007-World Investment Report

*Trata-se das 90 transnacionais restantes da classificação das empresas com maiores ativos no Exterior.

** Houve a fusão com a terceira empresa (Exxon).

Nd: Dado não disponível.

No que tange a firmas transnacionais, o relatório publicado pela Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD), em 1994, havia enumerado a existência de quase 37 mil empresas multinacionais. Em 1990, as corporações concentravam em torno de um terço do montante total mundial de investimento externo direto, com ativos em um total de 3,19 trilhões de dólares. Desse total, 28,2% estavam situados fora do seu país de origem. As maiores corporações transnacionais têm origem em países industriais e, dentre o setor que concentra as empresas com maiores ativos no estrangeiro, são as do ramo automobilístico.

A tabela 1 reporta as dez maiores corporações transnacionais não financeiras dos países desenvolvidos pelo total de ativos em termos anuais, no período de 1990 a 2004. Nota-se um crescimento dos ativos no estrangeiro, nesse intervalo de 424,42%. Dessas dez primeiras em volume de ativos no Exterior, a metade é propriedade dos Estados Unidos. A primeira corporação transnacional classificada por ativos, em 2004, foi a empresa automobilística norte-americana a *General Motors* 479,60 bilhões de dólares. Quase dois quintos desse total está fora dos país-sede. Em seguida, aparece a *Ford Motors*, outra corporação norte-americana, também no segmento automobilístico, com 305,34 bilhões dólares. Sendo que aproximadamente 60% desse total de ativos são alocados no Exterior. As terceira e quarta classificações são ocupadas por empresas transnacionais, do segmento petrolífero: a norte-americana Exxon, e a britânica British Petróleo com 195,25 bilhões de dólares e 193,21 bilhões de dólares, em 2004, respectivamente. Salienta-se que essas duas corporações apresentam um percentual ainda mais elevado de ativos, fora da nacionalidade de origem.

A soma dos ativos totais das 10 primeiras empresas é de 2,38 trilhões de dólares e representa 17,5% do volume dos ativos totais das 100 maiores transnacionais, que juntas somaram 13,57 trilhões do dólares. Nota-se ainda que a taxa média anual de crescimento dos ativos das empresas transnacionais aplicados no Exterior, no período de 1990 a 2004, foi de 13,60% contra uma taxa média anual de crescimento 8,14% do total dos ativos.

As dez maiores corporações transnacionais financeiras mundiais por total de ativos em 2005, estão listadas na tabela 2. Nota-se que a instituição financeira suíça UBS AG aparece na primeira colocação com quase 1,6 trilhão de dólares em ativos; gera quase 70 mil empregos e

Empresas transacionais e os investimentos estrangeiros diretos: uma análise comparativa entre os países selecionados a partir dos anos 90 - 9

possui 393 filiais, sendo que, desse total, 338 estão localizadas em 42 países. HSBC do Reino Unido e a norte-americana Citigroups classificam-se no segundo e no terceiro lugares, respectivamente, com uma diferença de apenas 4 bilhões de dólares em ativos. Essas instituições estão presentes em maior número de países, além de serem as maiores empregadoras de mão-de-obra, as quais conjuntamente, somam mais de 570 mil trabalhadores. Quanto ao número total de filiais, a *ABN Amro Holding NV* possui 1.177 e a *HSBC Holding PLC* com 1.148. Contudo, a maior relação de filiais localizada no Exterior e doméstica é detida pela suíça *UBS AG*, ou seja, para cada filial local aproximadamente seis estão no Exterior. Em seguida, aparece a instituição transnacional alemã Allianz em que tal relação é de aproximadamente um para três.

Tabela 2 – As dez maiores corporações transnacionais financeiras mundiais por total de ativos em 2005 (em bilhões de dólares)

| Nome | País de origem | Ativos | Empregos | N de países | Filiais | |
|---------------------------|----------------|--------|----------|-------------|---------|----------|
| | | | | | Totais | Exterior |
| UBS AG | Suíça | 1.573, | 69.569 | 42 | 393 | 338 |
| HSBC Holding PLC | Reino Unido | 1.498, | 268.471 | 53 | 1.148 | 717 |
| Citigroup Inc. | EUA | 1.494, | 307.000 | 74 | 641 | 377 |
| BNP Paribas | França | 1.482, | 101.917 | 50 | 700 | 454 |
| ING Groap NV | Holanda | 1.364, | 115.300 | 37 | 802 | 379 |
| Mizuho Financial Group | Japão | 1.332 | 45.180 | 13 | 93 | 40 |
| Credit Agricole SA | França | 1.224, | 62.112 | 39 | 365 | 161 |
| JP Morgan Chase & Company | EUA | 1.199, | 168.942 | 25 | 382 | 179 |
| Allianz SE | Alemanha | 1.134, | 177.625 | 49 | 776 | 580 |
| ABN Amro Holding NV | Holanda | 1.035, | 98.080 | 47 | 1.177 | 665 |

Fonte: Unctad (2006)-WIR 2006-World Investment Report.

Tabela 3 – As dez maiores corporações transnacionais não financeiras dos países em desenvolvimento, por total de ativos e vendas anuais, no período de 1995 a 2004 (em bilhões de dólares)

| Empresa* | Indústria | País de origem | 1995 | | 1999 | | 2004 | | 2004 | |
|-------------------------------|-------------|------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-----------------|-----|
| | | | Ativos | Vendas | Ativos | Vendas | Ativos | Vendas | Emprego Filiais | |
| China National Petroleum Corp | Petróleo | China | Nd | Nd | Nd | Nd | 110,39 | 68,95 | 1167.129 | 242 |
| Citic Group | Diversos | Hong Kong, China | 5,09 | 1,40 | 7,93 | 3,40 | 87,74 | 6,41 | 93.323 | 59 |
| Hutchison Whampoa Ltd. | Diversos | Hong Kong, China | 11,69 | 4,53 | 48,15 | 7,10 | 84,16 | 23,08 | 182.000 | 93 |
| Petróleo Brasil S.A-Petrobras | Petróleo | Brasil | 31,69 | 23,45 | 33,73 | 16,35 | 63,27 | 52,10 | 52.037 | 103 |
| Petronas Petroliam Bhd | Petróleo | Malásia | Nd | Nd | 31,99 | 15,96 | 62,91 | 36,06 | 33.944 | 234 |
| Samsung Electronics | Eletrônicos | Coréia do Sul | 21,89 | 24,08 | 21,58 | 28,02 | 61,52 | 79,18 | 61.899 | 87 |
| Formosa Plasti Group | Química | Taiwan | Nd | Nd | Nd | Nd | 58,02 | 37,74 | 82.380 | 18 |
| Hyundai Motor Company | Veículos | Coréia do Sul | 11,48 | 15,13 | 22,16 | 21,35 | 56,39 | 51,30 | 53.218 | 20 |
| Petróleos de Venezuela S.A | Petróleo | Venezuela | 40,50 | 26,00 | 47,25 | 32,60 | 55,35 | 46,58 | 33.998 | 65 |
| LG Electronics | Eletrônicos | Coréia do Sul | 15,08 | 12,19 | 17,27 | 15,59 | 28,90 | 41,78 | 32.000 | 37 |

Fonte: Unctad (2007)-WIR 2007

Nd: Dado não disponível.

*Trata-se das transnacionais restantes da classificação das empresas com maiores ativos.

A tabela 3 ilustra a evolução das maiores empresas transnacionais não financeiras por ativos dos países em desenvolvimento, no período 1995 a 2004. Observa-se que, das 10 empresas, oito têm nacionalidade asiática e 40% dessas corporações atuam no segmento petrolífero.² Em 2004, a chinesa *China National Petroleum* aparece, na primeira posição, com 110,39 bilhões dólares em ativos e com 68,95 bilhões de dólares em vendas, empregando

² Em 2004, das 100 maiores corporações transnacionais dos países em desenvolvimento 77 têm nacionalidade asiática (40 delas são de origem de Hong Kong e da província chinesa de Taiwan e 10 da China) e as demais estão distribuídas entre a América Latina e a África, conforme UNCTAD (2006).

quase 1,2 milhão de trabalhadores nas suas 242 subsidiárias.³ Em seguida, despontam outras duas empresas transacionais também com nacionalidade chinesa: a *Citic Group*, com o total de ativos de 87,74 bilhões de dólares e a *Hutchison Whampoa*, gigantesca corporação de telecomunicações, varejo e hotelaria, com total de ativos em 84,16 bilhões de dólares em 2004 e mantinha mais de 80% de seus ativos no Exterior.

A empresa brasileira Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras) ultrapassou a também petrolífera venezuelana, Petróleos de Venezuela no que se refere a volume de ativos e a vendas. Salienta-se que essas duas transnacionais são as únicas fora da região asiática classificadas dentre as dez maiores de propriedade de países em desenvolvimento, ainda conforme a tabela 3. Em 1995, a corporação da Venezuela possuía 29% e 13% mais ativos e venda do que a brasileira respectivamente. Nove anos mais tarde, esses resultados se invertem, ou seja, a Petróleo Brasileiro S.A. tem superado em aproximadamente 14% a Petróleos de Venezuela nesses dois quesitos. A sexta, sétima e oitava posições são ocupadas, nessa ordem, pela sul-coreana *Samsung Eletronics*, com 61,52 bilhões em ativos: a *Formosa Plasti Group* do setor químico, localizada em Taiwan, com 58,02 bilhões dólares em ativos, e a também sul-coreana *Hyundai Motor Company* do segmento de veículos, com com 56,58 bilhões dólares em ativos registrados em 2004. Por fim, as dez maiores transnacionais dos países em desenvolvimento geram quase 1,8 milhão de emprego, o que corresponde a 37% do total, criados pelas 100 maiores que é de 4,785 milhões de trabalhadores distribuídos nas 4.596 filiais, conforme dados da UNCTAD (2007).

3 Fluxos de capitais diretos na economia mundial

Os fluxos de investimento externo direto registraram um crescimento extraordinário, nos anos 90, ou seja, mais de três vezes o montante da década anterior, totalizando 3,74 trilhões de dólares com médias anuais de 374 bilhões de dólares, conforme se observa na tabela 4. Enquanto no período 2000 a 2006, a soma dos investimentos externos diretos foi 6 trilhões de dólares. Esse enorme crescimento foi possível em função da nova ordem econômica internacional, que promoveu o livre-comércio, a desregulamentação de vários

³ Essa corporação perde apenas, em termos de geração de emprego, pela americana *Wal-Mart Stores* com 2,055 milhões e da outra estatal chinesa a *State Grid* no ramo de eletricidade, com 1,486 milhão. Em quarta posição aparece a outra

setores e uma forte participação do setor privado na economia. As fusões e as aquisições foram fatores fundamentais do movimento dos investimentos externos diretos. Isso se deveu, em particular, com as privatizações de empresas de energia elétrica, telecomunicações, serviços financeiros e serviços públicos, como mostra a CEPAL (2000).

Tabela 4 – Fluxos de investimentos externos diretos por regiões mundiais receptoras, no período de 1970-2006 (milhões de dólares)

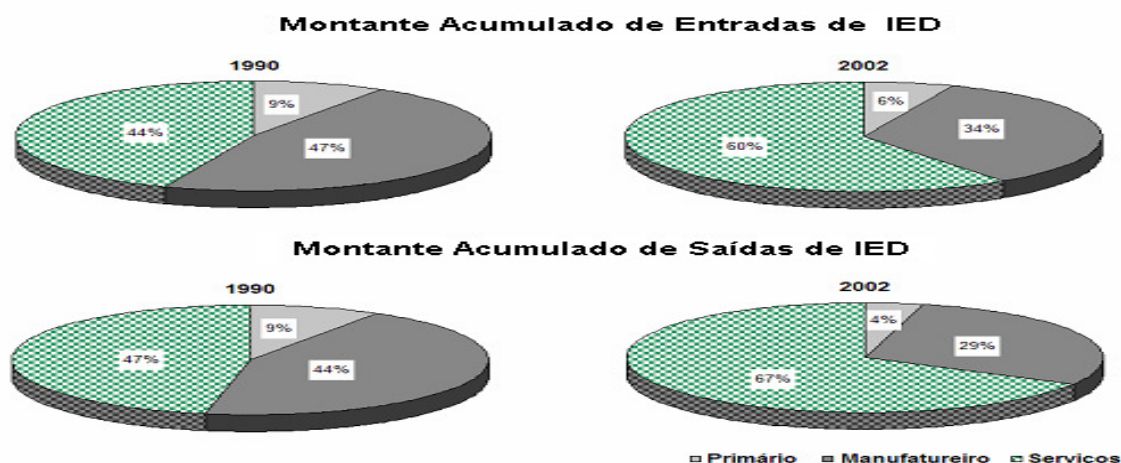
| Regiões | 1970 – 1979 | % | 1980 - 1989 | % | 1990 - 1999 | % | 2000 - 2006 | % |
|----------------------------------|----------------|-------|----------------|-------|----------------|-------|----------------|-------|
| Mundo | 229.818 | 100,0 | 855.663 | 100,0 | 3.743.642 | 100,0 | 6.075.800 | 100,0 |
| Países desenvolvidos | 183.589 | 79,9 | 681.313 | 76,6 | 2.499.534 | 66,8 | 4.298.800 | 70,7 |
| Países em desenvolvimento | 46.229 | 20,1 | 174.350 | 23,4 | 1.244.108 | 33,2 | 1.777.000 | 29,3 |
| América Latina e Caribe | 28.615 | 12,5 | 72.777 | 8,5 | 404.145 | 10,8 | 575.100 | 9,5 |
| Centro América | 1.342 | 0,6 | 2.173 | 0,2 | 8.308 | 0,2 | 9.981 | 0,2 |

Fonte: CEPAL (2000), UNCTAD (2000) e 2006, *World Investment Report*. BNDES-Sinopse Internacional (2007).

Verifica-se ainda, por meio da tabela 4, que os países desenvolvidos têm recebido, no intervalo de 70% a 80%, dos investimentos externos diretos mundiais, ao longo das últimas quatro décadas. Os países em desenvolvimento, por sua vez, atraíram aproximadamente um quarto nas décadas de 70 e 80 que subiu para um terço ao longo dos anos 90. A região da América Latina e do Caribe acumulou ingressos de 28,6 bilhões dólares ou 12% do total nos anos 70 e passou para 404,14 bilhões dólares o que significa 10,8% do total mundial na década de 90. A maior parte desse montante, em torno de 77%, ingressou na segunda metade. Mesmo com essa cifra, a América Latina continuou perdendo posição como destino do investimento externo direto, devido à maior participação dos países asiáticos. Do total de recursos investidos nos países em desenvolvimento, a Centro América, ainda na década de 90, recebeu 8,30 bilhões de dólares. Esse montante foi muito superior às décadas anteriores, ou seja, mais do que o triplo dos anos de 80, que foi de apenas 2,17 bilhões de dólares.

Salienta-se ainda que os totais de fluxos de investimentos estrangeiros diretos mundiais, nas regiões em desenvolvimento, foi de 29% do total e, nas desenvolvidas, 71% entre os anos 2000 e 2006 como ainda ilustra a tabela 4. Nos três primeiros anos desta década, segundo dados UNCTAD (2004), os investimento externos diretos, em todo o mundo, diminuíram devido às quedas de inserções nos países industrializados. A redução foi registrada na América do Norte, em particular nos Estados Unidos, e também na Europa Central e Oriental. A recuperação desse tipo de investimento ocorreu, em alguns grupos dos países em desenvolvimento, como nas regiões da África, da Ásia e do Pacífico e quedas nas regiões da América Latina e do Caribe. A partir de 2004, os investimentos voltaram a crescer em todo o mundo em detrimento do crescimento econômico mais elevado dos principais países de origem e receptores de investimentos externos diretos.

Figura 1: Montante mundial acumulado de entrada e saídas de investimento externo direto por setores – 1990-2002



Fonte: WIR 2005 – *World Investment Report* – Unctad

A figura 1 ilustra o montante mundial acumulado de entrada e saída de investimento externo direto por setores, durante o período de 1990 a 2002. Nota-se que o setor predominante, tanto nas saídas quanto nas entradas do investimento direto foi o segmento de serviços. Em 1990, esse setor participava com 44% de entradas e 47% de saídas. Já, em 2002, essas participações passam para 60% e 67%, respectivamente. A segunda posição ficou por conta do setor manufatureiro, que participou com 47% de entradas e 44% de saídas em 1990. Contudo, em 2002, sua participação foi menor, isto é, 34% de entradas e 29% de saídas de

investimentos externos. Quanto ao setor primário, sua participação nos investimentos é menor com 9% de entradas e saídas, em 1990. Em 2002, esse montante foi ainda menor, com apenas 6% de entradas e 4% de saídas dos investimentos externos diretos.

As inserções estrangeiras das Empresas Transnacionais nos setores de comércio e de serviço auxiliaram fortemente o crescimento de segmentos econômicos associados ao turismo, como rede hoteleira, restaurantes, serviços financeiros e ainda na produção de infra-estrutura básica. O forte crescimento do ingresso de investimentos externos diretos ocorreu na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Em 2002, conforme relatório da UNCTAD (2005), os Estados Unidos eram a principal economia receptora de investimentos externos nos setores de serviços, acompanhados em poucas exceções pela China.

4 Análise dos fluxos de capitais diretos nos países selecionados

Os países selecionados pertencem a um grupo caracterizado como desenvolvido, tais como Estados Unidos, Alemanha, Canadá e Reino Unido.⁴ O segundo conjunto é derivado dos países designados por mercado emergente ou em desenvolvimento, como o Brasil, o Chile, a China e o México, por serem destaque na atração de investimento externo direto.

Desse modo, a economia dos Estados Unidos, que apresenta maior influência mundial, tem tratados comerciais com vários países, além fazer parte do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), juntamente com México e o Canadá. Os Estados Unidos têm se destacado como local de origem dos investimentos externos diretos e não como receptores. Essa situação modificou-se, na década de 80, quando se tornaram fortemente atrativos, principalmente de capitais provenientes do Japão, com a indústria automobilística. De acordo com Krugman e Obstfeld (2005), os salários dos americanos diminuíram após a queda do dólar em 1985, ficando abaixo daqueles dos alemães. Além disso, o governo, com o intuito de proteger a indústria local, estabeleceu cotas e tarifas de importações, além do acordo em que impunham restrições voluntárias às exportações japonesas para a economia norte-americana.

⁴ A escolha desses países tem como base os elevados índices de participação nos fluxos mundiais de investimento externos diretos, além de serem as principais economias mundiais.

Na década de 90, conforme revela a tabela 5, os investimentos externos diretos, nos Estados Unidos, representavam em média 20% do total mundial. As maiores participações norte-americanas, no total do fluxo recebido, foi no período 1997 a 2000. Tal fato deveu-se principalmente às crises ocorridas nos países emergentes com os asiáticos, em 1997, na Rússia e no Brasil em 1998. Nos anos imediatamente após, houve uma reversão na atração dos investimentos externos diretos, em função dos atentados de onde de dezembro 2001 e da relativa consolidação da implantação da moeda única na União Européia. De qualquer forma, a taxa média anual de crescimento dos investimentos externos diretos, ao longo dos anos 1994 a 2006, situou-se em 13,25%. Esse resultado foi um pouco abaixo da média mundial que ficou em 15,4%.

A Alemanha, por sua vez, tem motivado os investimentos externos diretos por ser a maior economia da Europa e pela sua localização estratégica – no centro do continente – e também porque não há restrições às remessas de lucros para o Exterior. Além disso, o governo federal, como mostra a UNCTAD (2004), tem concedido incentivos fiscais, principalmente às empresas que implantarem filiais em regiões mais carentes de recursos. Contudo, a economia alemã é marcada pela vulnerabilidade aos choques externos e aos problemas estruturais domésticos, principalmente os elevados encargos trabalhistas e a alta alíquota do imposto de renda. Entre os anos 1994 e 1998, os investimentos externos diretos fluíram para a economia alemã, em média 3% do total mundial. Isso se deveu ao reflexo da reestruturação ocorrida no país, após a reunificação. Já o ano 2000, foi o período em que a Alemanha obteve o melhor desempenho em termos de atração de investimentos externos, contabilizando 14% do total mundial. A economia alemã revelou ainda uma taxa média anual de crescimento, desse tipo de investimento, bem abaixo dos países analisados com 1,2% ao longo dos anos 1994 a 2006.

A economia do canadense tende a ser beneficiada por sua proximidade com os Estados Unidos e por diversos tratados comerciais, como o Automobilístico e o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) de 1994. Os Estados Unidos são os maiores investidores no Canadá, com 72% do investimento estrangeiro no final de 1999. Os investimentos norte-americanos são dirigidos à indústria siderúrgica e mineira: à petroquímica e manufatura de maquinário, e aos equipamentos de transporte. Enquanto que o Canadá é o terceiro maior investidor estrangeiro nos Estados Unidos, priorizando os segmentos de

manufatura, comércio por atacado, comércio imobiliário, petróleo, etc. No período que estende de 1994 a 2003, ainda conforme a tabela 5, os investimentos externos diretos recebidos pelo Canadá cresceram em média 1,7% ao ano, pouco acima do percentual apresentado pela Alemanha. A participação canadense nos investimentos mundiais tem se mantido num intervalo de 1,3% a 4,8%.

Tabela 5 – Evolução dos investimentos externos diretos nos países desenvolvidos no período de 1994 a 2006 (em bilhões de dólares)

| País/Ano | 1994 | %* | 1997 | % | 2000 | % | 2003 | % | 2006 | % | Var (%) |
|--------------------|---------------|------------|---------------|------------|-----------------|------------|--------------|------------|-----------------|------------|-------------|
| EUA | 45,1 | 17,8 | 109,3 | 23,5 | 314,0 | 22,6 | 53,1 | 9,5 | 177,3 | 14,4 | 13,2 |
| Alemanha | 7,1 | 2,8 | 9,6 | 2,07 | 198,3 | 14,3 | 29,2 | 5,2 | 8,1 | 0,6 | 1,2 |
| Canadá | 6,3 | 2,5 | 11,5 | 2,5 | 66,8 | 4,8 | 7,6 | 1,3 | - | - | 1,7 |
| Reino Unido | | | | | | | | | | | |
| Unido | 17,5 | 6,9 | 33,2 | 7,1 | 118,8 | 8,5 | 16,8 | 3,0 | 169,8 | 13,8 | 22,9 |
| Total | | | | | | | | | | | |
| Mundial | 253,50 | 100 | 464,87 | 100 | 1.387,95 | 100 | 557,9 | 100 | 1.230,40 | 100 | 15,4 |

Fonte: WIR-2002 e 2006-World Investment Report- Unctad-FDI *index- Country Fact Sheets*.

Triches e Raguse (2006)-BNDES-Sinopse Internacional(2007)

*Participação dos investimentos externos diretos das economias desenvolvidas no total mundial.

Var (%) refere-se à taxa média geométrica anual.

O Reino Unido é o quarto maior exportador de produtos de alta tecnologia do mundo. Em 1998, esse país apresentou um coeficiente surpreendentemente baixo de gastos em P&D, o que indica sua participação crescente como base de operações de empresas transnacionais, em setores como: eletroeletrônico, de equipamentos de precisão, conforme dados da UNCTAD (2006). Nos três últimos anos da década de 90, O Reino Unido registrou um crescimento expressivo nos investimentos estrangeiros externos diretos. A taxa média anual foi 22,9%, ou seja, 7,5% acima da taxa de crescimento mundial. Esse resultado fez com que os investimentos externos diretos fluíssem entre 7% a 8% para a economia do Reino Unido, do total mundial no período de 1994 a 2000 e cresceu para 13,8%, em 2006, o que representou quase 170,0 bilhões de dólares. Esse fato deve-se ao incremento nos investimentos feitos pela fusão da *Shell Transport* com a *Trading Company* e *Royal Dutch Petroleum* com a da *Royal Dutch Shell*, bem como várias aquisições transnacionais de empresas com sede no Reino Unido.

No que tange ao conjunto dos países designados por mercado emergente, o Brasil passou a atrair investimentos externos diretos com maior intensidade, a partir da década de 90, principalmente após a estabilização econômica ocorrida em 94, mediante o Plano Real. O início da década de 1990 foi caracterizado por modificações estruturais na economia brasileira como: a) na área comercial, houve reduções de tarifas e a eliminação de barreiras não tarifárias, as quais ocasionaram a elevação dos índices de importações; b) na área financeira, ocorreu alteração na legislação referente à remessa de capitais (lucros e *royalties*) para o Exterior, permitindo uma relação maior entre matriz e filial estrangeira.

A partir de 1994, com a implantação do Plano Real e com a estabilização econômica, a economia brasileira passou a atrair um maior volume de capitais externos, em particular os investimentos diretos. Em 1994, a conjuntura internacional foi marcada pela elevação na taxa de juros norte-americana, afetando assim as demandas de financiamento das nações em desenvolvimento. No final desse ano, a crise cambial mexicana implicou um processo de desaceleração econômica, ocasionada, principalmente, pelo aumento nas taxas de juros internas e por uma restrição do crédito doméstico e externo. Desse modo, o equilíbrio macroeconômico foi afetado, e o país passou a apresentar déficits na balança de transações correntes e desequilíbrios no setor público.

Tabela 6 – Evolução dos investimentos externos diretos nos países em desenvolvimento no período de 1994 a 2006 (em bilhões de dólares)

| País/Ano | 1994 | %* | 1997 | %* | 2000 | %* | 2003 | %* | 2006 | %* | Var (%)** |
|----------------|---------------|------------|---------------|------------|-----------------|------------|--------------|------------|-----------------|------------|-------------|
| Brasil | 2,5 | 1,0 | 18,7 | 4,0 | 32,8 | 2,3 | 10,1 | 1,8 | 18,8 | 1,5 | 20,1 |
| Chile | 1,5 | 0,6 | 5,2 | 1,2 | 3,7 | 0,3 | 4,3 | 0,7 | 9,9 | 0,8 | 18,7 |
| China | 33,7 | 13,3 | 44,2 | 9,5 | 40,7 | 2,9 | 53,5 | 9,6 | 70,0 | 5,7 | 6,8 |
| México | 12,4 | 4,9 | 12,8 | 2,76 | 16,5 | 1,2 | 14,2 | 2,5 | 18,9 | 1,5 | 3,9 |
| Total | | | | | | | | | | | |
| Mundial | 253,50 | 100 | 464,87 | 100 | 1.387,95 | 100 | 557,9 | 100 | 1.230,40 | 100 | 15,4 |

Fonte: WIR-2002 e 2006-World Investment Report- Unctad-FDI index- Coutry Fact Sheets.

Triches e Raguse (2006),-BNDES-Sinopse Internacional (2007).

*Participação dos investimentos externos diretos das economias desenvolvidas sobre o total mundial.

**Taxa média geométrica anual.

Dentro desse contexto, o setor privado nacional passou a apresentar uma série de dificuldades, como a redução do valor dos ativos, aumento do custo financeiro, e retração da

demanda agregada. Esses fatores tenderam a se refletir na solvência ou no desempenho financeiro das empresas nacionais, explicando assim a elevação dos investimentos externos diretos, mediante processos de fusões e aquisições e também privatizações. A economia brasileira assumiu uma posição de destaque como destino de investimento direto, sobretudo dos Estados Unidos. O estoque de investimento daquele país no Brasil, em 1998, era de quase US\$ 38 bilhões, correspondendo ao sétimo maior do mundo, e ao primeiro entre os países em desenvolvimento, conforme relatório da CEPAL (2003).

O ingresso de investimentos externos diretos no Brasil, em 1994, representava somente 1% do total mundial, que correspondia a 2,5 bilhões de dólares. Três anos mais tarde, essa proporção subiu para 4,0% ou equivalentemente a 18,7 bilhões de dólares. Contudo, o maior volume desse tipo de investimento, direcionado à economia brasileira, no período de 1994 a 2006, ocorreu no ano 2000 com 32 bilhões de dólares, embora, em termos relativos em relação ao total, isso tenha representado apenas 2,3%. Esse resultado pode ser explicado pela melhoria dos indicadores macroeconômicos da economia brasileira, como redução na taxa de inflação e na taxa de juros. Os efeitos da crise cambial brasileira e da crise financeira mundial já estavam equilibrados, com menores reflexos na economia. Quanto aos fluxos mundiais, nesse ano, a Europa adotou o euro como moeda, deslocando-se parte dos fluxos mundiais dos investimentos diretos para essa região.

Em relação aos anos subseqüentes, principalmente até 2003, tanto os indicadores de crescimento dos fluxos de investimento externos diretos mundiais quanto os do Brasil apresentaram reduções. No ano de 2001, aconteceu a crise energética no país e suposições de vitória política em relação ao candidato de oposição nas eleições do ano seguinte. Também a economia mundial estava passando por um processo de desaceleração. No ano de 2002 e 2003, os investimentos externos diretos apresentaram índices negativos, por reflexos do lento processo de recuperação da economia mundial, em consequência ainda dos atentados terroristas nos Estados Unidos. Quanto ao Brasil, o país estava em situação de transição de governo devido à oposição ter vencido o atual governo.

No ano de 2004, depois de três anos consecutivos de queda nos índices, tanto dos fluxos mundiais quanto brasileiros, os investimento externos diretos nacionais voltaram a apresentar um alto índice de crescimento, atingindo 78,80% em relação ao ano anterior,

mantendo-se a média de 2% dos fluxos mundiais dos últimos anos. No ano de 2005, os investimentos externos diretos globais tiveram um crescimento de 29%, interrompendo o ciclo de queda iniciado em 2001. No Brasil, do total de 15.066 bilhões em 2005, houve um decréscimo de 16,97%, e, desse montante, a participação no capital de empresas no país somou, 15 bilhões de dólares, dos quais 5,6 bilhões referem-se às operações de conversões de dívidas externas em investimentos, com importante alteração no perfil do passivo externo. No ano de 2006, a América Latina e o Caribe foram as únicas regiões do mundo a experimentarem queda nos fluxos de IDEs. Segundo análise da UNCTAD (2006), foi afetada pela percepção de insegurança jurídica pelo investidor estrangeiro, diante das iniciativas nacionalistas na Bolívia (gás); na Venezuela (energia e telecomunicações) e no Equador (contratos das petrolíferas). Dessa forma, o Brasil recebeu somente 18 bilhões em 2006, enquanto países como a China receberam mais de 70 bilhões de dólares nesse mesmo ano.⁵

O Chile ficou na segunda classificação dentre os países emergentes selecionados em termos de crescimento médio anual. A taxa de crescimento foi de 18,71% ao longo do período de 1994 a 2006, conforme mostra ainda a tabela 6. Esse resultado tende a estar vinculado à evolução econômica do Chile que indica que os anos 90 foram marcados por forte expansão do PIB, cuja taxa média foi 6,5% ao ano. Salienta-se que a alocação de investimentos externos diretos pela economia chilena teve uma clara mudança, passando de setor tradicional como a mineração para o de serviços.

Em 1998, por exemplo, a mineração respondia por 40% dos investimentos externos diretos recebidos pelo Chile, ao passo que, em 2000, esse valor foi de apenas 7,9%. Já os setores como eletricidade, transporte e comunicações receberam investimentos derivados à aquisição da *Enersis* pela espanhola *Endesa*, e da aquisição de 95% do conglomerado elétrico chileno *Gener* pela empresa norte-americana *AES Corporation*. Os segmentos de transporte e comunicações também ampliaram sua participação nos investimentos externos totais. Em 1998, esse valor foi de 3,3% e em 2000, 29%. A explicação para o significativo aumento dos

⁵ O Brasil é o 5º colocado em atração de investimentos externos diretos na visão das multinacionais, de acordo com pesquisa da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD); a China destaca-se na primeira posição, seguida de Índia, EUA, Rússia, Brasil, México, Alemanha, Grã Bretanha, Tailândia e Canadá.

investimentos externos diretos está, principalmente, relacionada à aquisição de 30% da empresa de telecomunicações chilena *Entel* pela italiana como mostra a CEPAL (2003).

Os investimentos estrangeiros diretos na China também aumentaram de forma expressiva no período de 1994 a 2006. Embora as taxas médias anuais registradas de 6,8% tenham estado bem abaixo daquelas observadas no contexto mundial, esse fato é relativamente recente, pois, no período pré-1979, os investimentos externos diretos eram proibidos na China. Quando a lei dos investimentos estrangeiros diretos foi adotada, no seu primeiro estágio esses investimentos foram restringidos por quatro zonas econômicas especiais da China, além de regulamentar a formação de zonas francas preferenciais.

O crescimento marcante do ingresso de investimentos externos diretos ocorreu somente após 1992, quando o governo chinês reafirmou sua política de abertura e reformas orientadas a favor de uma economia de mercado. A partir de 1995, a política governamental passou a priorizar os investimentos estrangeiros nos setores de agricultura, de energia, de telecomunicação, de transporte, de matérias-primas e de firmas de alta tecnologia. Os fluxos de investimentos estrangeiros diretos para a economia chinesa são predominantemente de países ocidentais industrializados e em desenvolvimento, além de empresas japonesas.

Esses fatores fizeram com que os investimentos externos diretos aumentassem para 70 bilhões em 2006, ou seja, 35 vezes mais do que 21 anos antes.⁶ Entre 1994 e 1997, o período de abertura do mercado chinês, a sua participação nos fluxos de investimentos diretos foi em média 11% do total mundial. Já em 2000, devido aos reflexos da crise asiática iniciada em 1997, a participação dos investimentos estrangeiros diretos na China, em relação ao total mundial, caiu sensivelmente para quase 3%.

Os investimentos estrangeiros diretos foram atraídos pela economia mexicana, sobretudo em função de sua posição estratégica no Nafta. O México apresenta diversas oportunidades de investimentos, principalmente nos setores de eletrônica, da informação, de biotecnologia, dos serviços financeiros, dentre outros. Além disso, essa economia possui custos de produção e níveis salariais menores, quando comparados com os demais países do

⁶ Em 1985, os investimentos externos diretos que ingressaram na economia chinesa foram menos de 2 bilhões de dólares.

Bloco. Apesar disso, a taxa de variação média de ingresso de investimentos estrangeiros diretos na economia mexicana, no período de 1994 a 2006, foi à menor dos países de mercado emergente selecionados com 3,9% ao ano. No que se refere à proporção de investimentos externos do total mundial, o melhor resultado obtido foi em 1994 com 4,9% e, após, recuou para 1,5 em 2006 o que representa 18,9 bilhões de dólares. Contudo, os menores ingressos de investimentos ocorreram no período de crise cambial, verificada no país nos anos de 1995 e 1996.

Vários países em desenvolvimento melhoraram seus fundamentos macroeconômicos, com redução do endividamento externo e da dívida pública, acúmulo de amplas reservas internacionais e obtenção de superávits em transações correntes, inflação baixa e estável e regime de taxa de câmbio flutuante. Todavia, não estão imunes aos impactos negativos de uma rápida deterioração das condições econômicas e financeiras internacionais, conforme aborda o Banco Mundial (2007). Assim, embora seja difícil avaliar o impacto de uma desaceleração mais forte da economia mundial, o relatório estima uma queda em termos nominais dos fluxos de portfólio em ações e dos fluxos de dívida entre 2006 e 2009.

Tabela 7 – Índices de correlação entre investimentos externos diretos, PIB e conta corrente dos países selecionados no período de 1999 a 2006

| Países selecionados | IED/PIB | PIB/CC | IED/CC |
|----------------------------|----------------|---------------|---------------|
| Estados Unidos | -0,41533 | -0,98869 | 0,40249 |
| Alemanha | -0,59906 | 0,91357 | -0,66314 |
| Canadá | -0,28343 | 0,77703 | 0,23614 |
| Reino Unido | 0,49520 | -0,65362 | -0,95737 |
| Brasil | -0,10415 | -0,76950 | 0,61506 |
| Chile | 0,68109 | 0,77899 | 0,82069 |
| China | 0,97665 | 0,92975 | 0,95380 |
| México | 0,274123 | -0,18325 | 0,78257 |

Fonte: BNDES-Sinopse Internacional(2007), UNCTAD e Ipeadata-

O coeficiente de correlação, que foi calculado no período de 1999 a 2006, encontra-se reportado na tabela 7. Nota-se que a correlação entre os investimentos externos diretos e o PIB ficou negativa em quatro países, ou seja, EUA, Alemanha, Canadá e Brasil. Observa-se que nos dois primeiros, a referida correlação situou-se na faixa relativamente baixa de -0,4 a -0,6, mostrando pouca relação e contrária entre os movimentos na taxa de crescimento do PIB e o ingresso de investimentos externos diretos. Essa correlação foi ainda menor no caso do

Canadá e do Brasil com -0,28 e -0,10, respectivamente. Para os demais países, o coeficiente de correlação mostrou uma relação direta entre os investimentos externos diretos e o PIB. No México e no Reino Unido, esse coeficiente foi bastante baixo, variando entre 0,2 a 0,4, respectivamente. Já na economia chilena, a correlação entre os investimentos externos diretos e o PIB, ao longo dos anos de 1999 a 2006, foi aproximadamente 0,7, enquanto a china foi o país que apresentou índice mais elevado, chegando próximo a uma unidade.

No que se refere à correlação entre o produto interno e o saldo em conta corrente, ainda conforme a tabela 7, observa-se que, em quase todos os países desenvolvidos e em desenvolvimento, com exceção do México, houve elevação coeficiente. A China e Alemanha e o Chile revelaram uma correlação positiva nessas duas variáveis, a que se situa próximo a 0,9 para os dois primeiros e 0,8 para o último. Os EUA, por sua vez, mostraram uma correlação negativa próxima a um. Esse resultado indica que os movimentos entre os saldos em conta corrente e o produto interno são inversamente relacionados.⁷ A correlação negativa também foi registrada pelo Brasil e pelo Reino Unido, mas com um nível menor, ou seja, -0,76 e -0,65, respectivamente.

A correlação entre os investimentos externos diretos e o saldo em conta corrente, reportados na última coluna da tabela 6, foi, em geral, positiva. Os países com China, o Chile e México revelaram os maiores coeficientes, variando no intervalo próximo de 0,8 a 0,95, o menor ficou por conta do Canadá com 0,23. O Brasil e os EUA aparecem na faixa intermediária, com correlação entre essas duas variáveis, pela ordem, de 0,61 e 0,40. No sentido oposto, isto é, correlação negativa entre os investimentos externos diretos e o saldo em conta corrente de 1999 a 2006 foi observada nas economias alemã com -0,66 e do Reino Unido com -0,95.

Por último, salienta-se que o Chile e, principalmente, a China foram os únicos dois países que apresentaram coeficiente de correlação positivo e mais elevado em todos os pares de variáveis. Isso evidencia que os investimentos externos diretos têm desempenhado papel relevante nos saldos em conta corrente e no crescimento do próprio produto, particularmente nesses dois países.

⁷ No Anexo A, encontram-se os indicadores econômicos de todos os países analisados na tabela 7.

5 Conclusões e considerações finais

As empresas transnacionais apresentam dois elementos essenciais que explicam sua estratégia de internacionalização. Um deles é o motivo localizacional, que viabiliza as atividades da empresa em países diferentes. Outro, é o motivo da internalização, que torna essas atividades integradas em uma única empresa. Há ainda outros fatores com a integração econômica regional, a conjuntura macroeconômica do país e a desregulamentação dos mercados financeiros, com maior flexibilidade na mobilidade dos fluxos de capitais.

As maiores corporações transnacionais estão localizadas em países desenvolvidos, as quais apresentaram expressiva evolução ao longo dos anos 90. Concentravam em torno de um terço do montante total mundial de investimentos externos diretos, com ativos em um total de 3,19 trilhões de dólares. A soma dos ativos totais das dez primeiras empresas é de 2,38 trilhões dólares e representa 17,5% volume dos ativos totais das 100 maiores transnacionais, que juntas somaram 13,57 trilhões dólares.

As empresas de propriedade dos países industriais, como a *General Motors*, *Exxon*, *Shell* e a *Ford Motors* foram as que mais possuía ativos no estrangeiro durante 1990 a 2004. Conjuntamente elas somaram um montante acumulado de 1,38 trilhão de dólares. Quanto à presença das transnacionais nos países em desenvolvimento, a maior parte tem origem asiática. O destaque ficou por conta da gigantesca corporação de telecomunicações, varejo e hotelaria, a *Hutchison Whampoa* (Hong Kong).

Os resultados indicam que os investimentos externos diretos, registrados principalmente ao longo da década de 90, ocorreram por meio das fusões e aquisições de corporações transnacionais, alterando, portanto, o fluxo desses investimentos. Além disso, também se observou uma crescente participação do setor de serviços como principal setor de atração ao capital estrangeiro.

Dentre as diversas regiões receptoras de investimentos estrangeiros diretos, os resultados indicaram que, dos países industriais, dentre os selecionados, os Estados Unidos participaram com maior volume. Esse fato deve-se à proporção em termos mundiais da economia norte-americana, sua estabilidade econômica e o baixo risco sobre as inversões nas

atividades produtivas. Já dentre os países de mercados emergentes, a China foi a detentora da maior participação dos fluxos mundiais. As principais razões apontadas para isso são os baixos custos de produção e o tamanho de seu mercado. Os indicadores de correlação demonstram que os investimentos externos diretos têm desempenhado papel relevante nos saldos em conta corrente e no crescimento do próprio produto, particularmente no Chile e na China. Já para os demais países considerados, essa relevância tende a ser um pouco menor.

Referências

AGUDELO, Hugo; TEBALDI, Edinaldo. **Abertura comercial, integração regional e investimento estrangeiro direto no Brasil**. In III: Congresso Brasileiro de História Econômica e IV Conferência Internacional de História de Empresas. Curitiba: 1999. Disponível em: <http://www.prossiga.br/nucaie.ufrj/economia>. Acesso em agos. de 2007.

CEPAL. **Tendências recientes de la inversión extranjera directa em América Latina y El Caribe**. Disponível em: <http://www.cepal.org>. Acesso em: agos. de 2007, 1998, 5 p.

CAVES, E. Richard; FRANKEL, A. Jeffrey. **Economia internacional: comércio e transações globais**. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 2001. 450 p.

DE NEGRI, João Alberto. **Impacto das multinacionais na reestruturação da indústria: uma proposta metodológica**. Brasília; Ipea, 1977, (Texto para Discussão, 474).

GONÇALVES, Reinaldo; BAUMANN, Renato. **A nova economia internacional: uma perspectiva brasileira**. 3 ed. São Paulo: Campus, 1999. 380 p.

HYMER, Stephen. **Empresas multinacionais: a internacionalização do capital**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. 110 p.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS E APLICADAS (IPEA). **Ipeadata**. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?273331937>. Acesso em: set. de 2007.

KRUGMAN, Paul R; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional: teoria e política**. 6. ed. São Paulo: Makron Books, 2005. 650 p.

MARTINELLI JÚNIOR, Orlando. **A globalização e a indústria alimentar: um estudo a partir das grandes empresas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1999. 120 p.

SALVATORE, Dominick. **Economia internacional**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC. 2000. 450 p.

SARACINI, Terezinha; PAULA, Nilson de. **Empresas transnacionais e investimento direto estrangeiro: um survey das principais abordagens**. CMDE/UFPR-Texto 21/2006. Disponível em: <http://www.economia.ufpr.br/publica/textos/textos.htm>. Acesso em: jun/jul 2007.

TRICHES, Divanildo; RAGUSE, Mariane. **Análise dos investimentos estrangeiros diretos na economia brasileira no período de 1994 a 2002**-IPES-UCS-Texto nº 23: jul de 2006. Disponível em: <http://www.ucs.br/ccea/ipes/Textosparadiscussão.html>. Acesso em: jun/ago 2007.

UNCTAD. **World Investment Report 1995**. Disponível em: <http://www.unctad.org/>. Acesso em: jun/set 2007.

UNCTAD. **World Investment Report 2000** Disponível em: <http://www.unctad.org/>. Acesso em: jun/set 2007.

UNCTAD. **World Investment Report 2004** Disponível em: <http://www.unctad.org/>. Acesso em: jun/set 2007.

UNCTAD. **World Investment Report 2006** Disponível em: <http://www.unctad.org/>. Acesso em: jun/set 2007.

ANEXO A**Tabela Indicadores econômicos dos países selecionados no período de 1999 a 2006 (em bilhões de dólares)**

| 1) ESTADOS UNIDOS | | | |
|--------------------------|------------|------------|-----------------------------|
| ANO | IDE | PIB | SALDO CONTA CORRENTE |
| 1999 | 283,36 | 9 268,43 | -299,8 |
| 2000 | 314,0 | 9 816,98 | -415,2 |
| 2001 | 159,46 | 10 127,95 | -389,0 |
| 2002 | 62,81 | 10.469,60 | -472,4 |
| 2003 | 53,14 | 10 960,75 | -527,5 |
| 2004 | 122,37 | 11 712,48 | -665,3 |
| 2005 | 99,44 | 12 455,83 | -791,5 |
| 2006 | 177,30 | 13 613,00 | -869,1 |
| 2) ALEMANHA | | | |
| 1999 | 56,07 | 2 146,43 | -26,9 |
| 2000 | 198,7 | 1 905,80 | -32,6 |
| 2001 | 21,1 | 1 892,60 | 0,4 |
| 2002 | 53 ,50 | 2 024,06 | 41,0 |
| 2003 | 29,20 | 2 444,28 | 45,6 |
| 2004 | -15 ,11 | 2 744,22 | 101,9 |
| 2005 | 32,66 | 2 791,74 | 114,9 |
| 2006 | 8,10 | 2 861,53 | 120,6 |
| 3) CANADÁ | | | |
| 1999 | 24,7 | 661,35 | 1,7 |
| 2000 | 66 ,80 | 725,16 | 19,7 |
| 2001 | 27,70 | 715,63 | 16,2 |
| 2002 | 22,15 | 734,77 | 12,6 |
| 2003 | 7,61 | 868,49 | 10,1 |
| 2004 | 1 ,5 | 993,91 | 21,3 |
| 2005 | 33,82 | 1 132,44 | 26,3 |
| 2006 | - | 1 167,54 | 25,5 |
| 4) REINO UNIDO | | | |
| 1999 | 88,00 | 1 467,03 | -35,1 |
| 2000 | 118,80 | 1 445,19 | -37,6 |
| 2001 | 52,60 | 1 435,63 | -31,5 |
| 2002 | 24 ,02 | 1 574,47 | -24,8 |
| 2003 | 16 ,77 | 1 814,64 | -24,4 |
| 2004 | 56,21 | 2 155,16 | -35,4 |
| 2005 | 164,53 | 2 229,47 | -48,3 |
| 2006 | 169 ,80 | 2 289,66 | -55,9 |
| 5) BRASIL | | | |
| 1999 | 31,37 | 536,69 | 0,1 |
| 2000 | 32,77 | 601,55 | -0,9 |
| 2001 | 22,45 | 510,38 | -1,1 |
| 2002 | 16,59 | 460,61 | -0,6 |
| 2003 | 10,14 | 505,54 | -1,0 |
| 2004 | 18,14 | 603,78 | 1,6 |
| 2005 | 15,06 | 795,67 | 0,7 |
| 2006 | 18,80 | 817,94 | 5,9 |

6) CHINA

| ANO | IDE | PIB | SALDO CONTA CORRENTE |
|------------|------------|------------|-----------------------------|
| 1999 | 40,31 | 1 083,28 | 15,7 |
| 2000 | 40,71 | 1 198,48 | 20,5 |
| 2001 | 46,87 | 1 324,81 | 17,4 |
| 2002 | 52,74 | 1 453,84 | 35,4 |
| 2003 | 53,50 | 1 640,97 | 45,9 |
| 2004 | 60,60 | 1 931,64 | 68,7 |
| 2005 | 72 ,40 | 2 234,13 | 160,8 |
| 2006 | 70,00 | 2 457,54 | 184,6 |

7) MÉXICO

| | | | |
|------|--------|--------|-------|
| 1999 | 13,20 | 480,59 | -14,2 |
| 2000 | 16,58 | 580,79 | -18,7 |
| 2001 | 26,77 | 621,86 | -18,0 |
| 2002 | 14,74 | 648,63 | -13,6 |
| 2003 | 14 ,18 | 638,75 | -8,5 |
| 2004 | 16,87 | 683,49 | -6,7 |
| 2005 | 18,05 | 768,44 | -5,0 |
| 2006 | 18,90 | 805,32 | -2,7 |

Fonte: BNDES-Sinopse Internacional(2007), Unctad e Ipeadata-

Universidade de Caxias do Sul

Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais

- 001 – nov. 2003** – Uma análise da economia política e das atitudes dos grupos de interesse no Mercosul
Divanildo Triches – IPES/UCS
- 002 – dez. 2003** – Análise dos impactos da Universidade de Caxias do Sul sobre as economias local e regional, decorrentes dos gastos acadêmicos dos estudantes: 1990 a 2002
Divanildo Triches, Geraldo Fedrizzi, Wilson Luís Caldart – IPES/UCS
- 003 – jan. 2004** – Agropolo da Serra gaúcha: uma alternativa de desenvolvimento regional a partir da inovação e difusão tecnológica
Divanildo Triches – IPES/UCS
- 004 – fev. 2004** – A análise dos regimes de taxa de câmbio para o Mercosul, baseada no bem-estar
Divanildo Triches – IPES/UCS
- 005 – mar. 2004** – Análise e identificação da cadeia produtiva da uva e do vinho da Região da Serra gaúcha
Divanildo Triches, Renildes Fortunato Siman, Wilson Luís Caldart – IPES/UCS
- 006 – abr. 2004** – Competitividade sistêmica das micro, pequenas e médias empresas da cadeia produtiva de autopeças da Região Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul e desenvolvimento regional
Renato Pedro Mugnol – DEAD/UCS
- 007 – maio 2004** – Análise comparativa dos indicadores que medem a inflação na economia brasileira
Divanildo Triches, Aline Vanessa da Rosa Furlaneto – DECE/IPES/UCS
- 008 – jun. 2004** – Apontamentos para o estudo da pecuária familiar na metade sul do Rio Grande do Sul
Adelar Fochezatto, Divanildo Triches, Ronaldo Herrlein Jr., Valter José Stülpe – FACE/PUCRS
- 009 – jul. 2004** – A ciência econômica diante da problemática ambiental
Jefferson Marçal da Rocha – DECE/UCS
- 010 – ago. 2004** – Déficit público e taxa de inflação: testes de raiz unitária e causalidade para o Brasil – 1991-1999
Divanildo Triches – IPES/UCS – Igor Alexandre C. de Moraes – FIERGS
- 011 – set. 2004** – A cadeia produtiva da carne de frango da região da Serra gaúcha: uma análise da estrutura de produção e mercado
Divanildo Triches, Wilson Luís Caldart, Renildes Fortunato Siman, Jaqueson K. Galimberti e Aline V. R. Furlaneto – IPES/UCS
- 012 – nov. 2004** – Análise da cultura do kiwi e seu papel para o desenvolvimento da região de Farroupilha RS – 1980/2000
Divanildo Triches IPES/UCS, Marcos Sebben – DECE/UCS

- 013 – jan. 2005** – Investimentos em capital humano no Brasil: um estudo sobre retornos financeiros privados de cursos de graduação relativos ao ano de 1995
Paulo Tiago Cardoso Campos – DECC/UCS, Eduardo Pontual Ribeiro, Stefano Flossi – PPGE/UFRGS
- 014 – mar. 2005** – As teorias da estrutura a termo das taxas de juros da economia brasileira: uma análise da causalidade de setembro 1999 a setembro 2004
Divanildo Triches, Wilson Luís Caldart – IPES/UCS
- 015 – abr. 2005** – Análise econométrica da eficiência técnica de produção do setor metal-mecânico da indústria de Caxias do Sul
Miguel Antônio da Câmara Canto – DECE/UCS
- 016 – maio 2005** – A análise da condução da política monetária após a implementação do Plano Real: 1994 a 2000
Divanildo Triches – IPES/UCS, Márcio Luiz Simonetto – DECE/UCS
- 017 – jun. 2005** – A evolução do sistema de pagamentos brasileiro: uma abordagem comparada com os países selecionados no período de 1995 a 2003
Divanildo Triches – IPES/UCS, Adriana Bertoldi – DECE/UCS
- 018 – fev. 2006** – A economia política e os fluxos de capitais brasileiros pós-Plano Real
Divanildo Triches – IPES/UCS/UNISINOS
- 019 – mar. 2006** – A cadeia produtiva de carne suína no Estado do Rio Grande do Sul e na Serra gaúcha
Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE-UNISINOS, Renildes Fortunato Siman – PPDR/UFRGS, Alexandre Bandeira Monteiro e Silva – PPGE/UNISINOS, Valter José Stülp – PPGE/PUCRS
- 020 – abr. 2006** – Seleção e composição de uma carteira de ações com base na técnica grafista
Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS, Celso Evandro dos Reis – DECE/UCS
- 021 – maio 2006** – Modelo de previsão de arrecadação do ISSQN para o Município de Caxias do Sul
Wilson Luís Caldart – IPES/UCS
- 022 – jun. 2006** – A análise da convergência e das inter-relações dos indicadores macroeconômicos dos países integrantes do Mercosul
Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS, Alexandre Bandeira Monteiro e Silva – PPGE/UNISINOS, Roberto Camps de Moraes – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS, Soraia Santos da Silva DECE/UCS
- 023 – ago. 2006** – A análise dos investimentos estrangeiros diretos na economia brasileira no período de 1994 a 2002
Mariane Sperb de Oliveira Raguse – DECE/UCS, Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS
- 024 – mar. 2007** – Arrecadação do ISSQN no Município de Caxias do Sul e a curva de Laffer: evidências empíricas
Wilson Luís Caldart – IPES/UCS

- 025 – abr. 2007** – A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004
Luisiane Evelise Silvestrin – DECE/UCS, Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS
- 026 – jul. 2007** – Análise do desempenho da política monetária no Brasil após o Plano Real
Everton Luís Pohlmann – CCE/UNISINOS, Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/ UNISINOS
- 027 – ago. 2007** – Investigação da mobilidade de capitais a partir da paridade coberta juros com modelos de parâmetros fixos e variáveis
Soraia Santos da Silva – IPES/UCS, Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/ UNISINOS, Ronald Otto Hillbrecht – PPGE/UFRGS
- 028 – set. 2007** – As exportações e o crescimento econômico: análise dos municípios do Corede Serra
Jaqueson Kingeski Galimberti – DECE/UCS, Wilson Luís Caldart – IPES/UCS
- 029 – nov. 2007** – Efeitos dos gastos públicos sobre o crescimento da economia brasileira no período de 1980 a 2005
Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/ UNISINOS, Soraia Santos da Silva – IPES/UCS.
- 030 – mar. 2009** – Empresas transnacionais e os investimentos estrangeiros diretos: uma análise comparativa entre os países selecionados a partir dos anos 90
Janete Pezzi – DECE/UCS, Divanildo Triches – IPES/UCS/PPGE/UNISINOS

